Editora Zain

Certo azul

Fernando Contreras Castro

TRADUÇÃO DO ESPANHOL
Leonardo Pinto Silva

zain

© Fernando Contreras Castro, 2009

© Editorial Costa Rica, 2017

© Editora Zain, 2025

Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Título original: *Cierto azul*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

EDITOR RESPONSÁVEL

Matthias Zain

PROJETO GRÁFICO DE CAPA

Filipa Damião Pinto

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO

Julio Abreu

PREPARAÇÃO

Nina Schipper

REVISÃO

Marina Saraiva

Cristina Yamazaki

Juliana Cury | Algo Novo Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Contreras Castro, Fernando

Certo azul / Fernando Contreras Castro ; tradução Leonardo
Pinto Silva. — 1ª ed. — Belo Horizonte, MG : Zain, 2025.

Título original: *Cierto azul*.

ISBN 978-65-85603-26-3

1. Ficção costarriquenha I. Título.

25-298032.1

CDD-CR861

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura costarriquenha CR861

Aline Grazielle Benitez — Bibliotecária — CRB-1/3129

Zain

R. São Paulo, 1665, sl. 304 — Lourdes

30170-132 — Belo Horizonte, MG

www.editorazain.com.br

contato@editorazain.com.br

instagram.com/editorazain

Sumário

Certo azul 7

I. So What 11

II. Freddie Freeloader 34

III. Blue in Green 44

IV. All Blues 59

V. Flamenco Sketches 74

Posfácio, por *Fernando Contreras Castro* 93

Trilha sonora 95

Certo azul

Improvisar em grupo é um desafio a mais. Além da relevante questão técnica de um pensar coletivo coerente, existe a necessidade, muito humana, até mesmo social, da empatia de todos os membros em favor do resultado comum.

Bill Evans

I

So What

A rua é uma surpresa em ondas que se expandem. Nunca falta alguém que se agache e estale os dedos para chamar minha atenção e me coçar a cabeça se eu me achegar, ou alguém que me tire do caminho com um pontapé certo nas costelas. Mas assim é a rua, fonte infinita de admiração e dor.

A vida seria mais fácil sem as pulgas. Nos coçamos e sacudimos inutilmente. As pulgas nos habitam, nos povoam, nos bebem, trabalham para elas. Mas viver na rua é assim, e a verdade é que eu não trocava nem sequer uma das minhas malditas pulgas por um segundo da minha liberdade.

Meu avô me dizia:

Com os cães é preciso ser cauteloso e compassivo... Os cães são chatos e previsíveis, eles vêm ao mundo desprovidos de curiosidade e não suportam nem mesmo as mudanças mais insignificantes na rotina... Freddie, sempre agradeça à vida por ter nascido gato, e não cão.

Um gato não se vende por um prato de lentilhas, e a valentia com que defendemos nossa liberdade dificilmente pode ser comparada à indiferença do olhar que destinamos às supostas vantagens da nossa aliança tática com as espécies dominantes.

Nós, os gatos, só admitimos ser bem tratados, ao contrário dos cães, que podem ser espancados com paus pelo dono sem deixar de abanar o rabo e lamber as mãos que os torturam.

Nós, os gatos, não temos dono. Soubemos manter distância das profundezas mais baixas da condição humana, onde, inevitavelmente, há sempre cães. Você nunca ouviu falar, por exemplo, de um “gato policial” ou de um “gato pastor”, qualquer que seja sua nacionalidade. Nada seria mais ridículo do que o termo “gatos de guerra” em vez de “cães...”, um elogio feito com frequência àquelas pessoas insanas que fazem as guerras. Imagine quem estaria disposto a contratar um advogado que se apresentasse como um “gato trabalhador”, ou quem se deixaria convencer por uma placa num portão que avisasse: “Cuidado com o gato”. Mas, para além dessas citações mais do que triviais, temos de reconhecer que nunca na vida vimos ou veremos um contingente policial açulando gatos para dispersar manifestantes desarmados numa marcha pacífica, porque os gatos sempre resistiram a ser treinados.

Mas nós, gatos, também sabemos que a vida é curta, que mesmo sete vidas são poucas e breves para observar o mundo com paixão, para aproveitá-lo, desfrutá-lo e brincar com ele até os limites do brincar, onde a morte está sempre à nossa espreita.

Os detratores dos gatos costumam dizer que tampouco somos vistos com um barrilete de conhaque amarrado ao pescoço à procura de pessoas perdidas na neve. Nem aboletados num caminhão de bombeiros,

como um dálmata; muito menos vestidos de palhaços entretendo as pessoas num circo; e que não há gatos pastores, nem gatos perdigueiros, nem gatos-guia. Têm razão; mas o ponto é justamente este: por que dar importância ao que dizem os nossos detratores?

Essa foi uma aula de jazz do meu avô.

Meu nome é Freddie. Freddie Freeloader é o meu nome completo, como meu avô. Ele insistiu e impôs toda a autoridade que tinha sobre a família para que me chamassem assim.

Meu avô nasceu no forro do telhado do Birdland, na 52nd Street, um clube de jazz em Nova York, e lá viveu feliz até o dia em que foi bruscamente acordado, sequestrado e colocado num barco do qual não saiu até se ver num país estranho:

Fui sequestrado por um sujeito horrível que me apostou num jogo de cartas só para fazer chacota. O imbecil me perdeu para um marinheiro bêbado que, também para fazer chacota, quis ficar comigo, fazendo ouvidos moucos aos meus apelos e súplicas.

Vários dias depois, me vi abandonado num porto caribenho. Magro, faminto, imundo e sem o meu saxofone, embarquei num trenzinho mixuruca que demorou mais para chegar à cidade do que o barco que zarpou de Nova York... Exatamente como nos filmes.

Nunca se acostumou com o clima tropical e com a música daquelas regiões; dizia que só o *latin jazz* era suportável.

Ele era sofisticado. Ante à impossibilidade de voltar, passou a viver nas ruas da cidade, onde co-

nheceu minha avó, uma gatinha de rua que se divertia com suas histórias de músicos de jazz e casas noturnas numa cidade inimaginável...

Foi assim, então, que o velho inventou esse nome que venho arrastando comigo pelos meus próprios caminhos, entre a zombaria e os olhares compassivos.

Todos os meus amigos de rua têm nome comum e corriqueiro nessas latitudes. Se dependesse de mim, preferia também ter um nome comum e corriqueiro, facilitaria um pouco a minha vida. Por outro lado, meu nome me obrigou a viver sempre alerta.

Nasci no forro do telhado da antiga estação de trens para o Atlântico, a poucos quarteirões do centro da cidade. Meu avô era dono de uma parte daquele sótão. Cresci entre os restos mortais de antigas locomotivas e vagões e aprendi a fazer jus ao meu almoço, perseguindo-o entre os trilhos e dormentes da linha de trem.

Aprendi a decifrar a cidade... isto é, o centro da cidade, desde pequeno. Saí de casa muito jovem, embora nunca tenha deixado de visitar os velhinhos de vez em quando, e aprendi os fundamentos da vida nas letras das canções que o velho cantava:

*... Throw it away
... Throw it away
Give your love, live your life
each and every day*

*And keep your hand wide open
let the sun shine through
'cause you can never lose a thing
if it belongs to you...*

Abbey Lincoln! O meu avô queria casar com ela. Passava horas no colo dela, ele dizia.

Você nunca perderá algo que realmente te pertence... O que realmente nos pertence? Quer dizer, também não acho que exista uma diferença entre o acaso e o destino, pelo menos não que eu já tenha visto. Depois que algo aconteceu, só cabe aceitar que não haveria outra maneira de ser, mesmo que teoricamente as variáveis fossem infinitas.

Não se preocupe, dê seu amor, viva sua vida todos os dias e mantenha as mãos abertas à luz do sol, porque você nunca perderá algo que realmente te pertence..., meu avô cantava para mim, me lambendo a cabeça até eu adormecer. Depois, desaparecia. Às vezes por até uma semana, e voltava magro e sujo, estropiado... Feliz e triste ao mesmo tempo.

A rua é violenta, excitante e imunda. A rua é divertida. Os cães são estúpidos, não sabem nada de jazz. Os ratos são um mal necessário; as pulgas são fiéis; e os amigos são indispensáveis.

Arturo estava sentado nas escadarias de um prédio público. Chovia muito, era quase noite; ele estava encharcado e tremia. Calculei que tivesse uns sete anos. Me aproximei e lambi sua mão. Ele se assustou, recolheu a mão e a cobriu com a outra.

Em seguida, estendeu novamente a mãozinha e começou a tatear o chão. Era cego! Senti pena e me deixei pegar. Arturo me levantou e me abraçou contra o peito frio e trêmulo. Os amigos que me acompanhavam seguiram seu rumo, absolutamente indiferentes à criança. Disse a eles que a criatura estava encharcada, que poderia morrer de hipotermia em poucas horas; mesmo assim continuaram em frente, cantarolando uma cançãozinha cuja única letra era a palavra “hipotermia”, como faziam com todas as palavras que acabavam de aprender.

“Bem, garoto, vamos começar do princípio, meu nome é Freddie Freeloader e você está me sufocando.”

Afrouxou um pouco o aperto e disse seu nome completo: “Arturo”. Nada mais, nada de sobrenomes, nada de pai, nada de mãe, nada de família, nada de educação gratuita e obrigatória, nenhuma chance de sobrevivência a não ser confiar num gato de rua com um nome esquisito.

“Arturo, vamos ter que improvisar.”

“O que é improvisar?”

“Improvisar é a arte de confiar nos outros. É assim: você pega um tema, algo simples, alguns compassos, oferece aos seus amigos, e é aí que começa a improvisação; você confia que eles vão fazer algo extraordinário com o tema, desse jeito e nada mais, sem partituras rígidas e inapeláveis, nada disso... Ehhh, bom, não importa, o urgente agora é improvisar um plano para não morrermos de frio. Vamos.”